

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O CINEMA DA ESTÓNIA: UM NINHO AO VENTO
14 e 18 de Abril de 2023

KEVADE / 1969 “Primavera”

um filme de Arvo Kruusement

Realização: Arvo Kruusement / Argumento: Kaljo Kiisk, Voldemar Panso, baseado no romance “Kevade”, de Oskar Luts (1913) / Direcção de Fotografia: Harry Rehe / Montagem: Ludmilla Rozenthal / Música: Veljo Tormis / Interpretação: Arno Liiver (Arno), Riina Hein (Teele), Aare Laanemets (Toots), Margus Lepa (Kiir), Ain Lutsepp (Tõnisson), Leonhard Merzin (professor), Endel Ani (Julk-Jüri), Kaljo Kiisk (Lible), Rein Aedma (Imelik), Kalle Eomois (Kuslap), Raul Haaristo (Vipper), Heiki Koort (Peterson), Heido Selmet (Visak), Tõnu Alvens (Lesta), Silvia Laidla, Ervin Abel, Evald Tordik jt.

Produção: Tallinnfilm / Cópia: em ficheiro, preto e branco, falada em estónio, legendada electronicamente em português / Duração: 87 minutos / Primeira apresentação pública: 5 de Janeiro de 1970, Talin / Primeira Apresentação na Cinemateca.

Sessão de dia 14 com apresentação

Kevade é um dos filmes mais aclamados do cinema estónio. Obra de estreia de Arvo Kruusement, que até então só havia trabalhado no cinema como actor, o seu sucesso impulsionará o seu trabalho futuro como realizador: dois dos seus filmes subsequentes partirão de **Kevade**, que pode ser traduzido à letra como “Primavera”, versando sobre outras duas estações do ano. Baseado num romance autobiográfico do escritor e dramaturgo estónio Oskar Luts, datado de 1913, **Kevade** beneficiou do culto que rodeava o próprio livro, também ele uma das mais aclamadas obras da cultura estónia. O romance com o mesmo nome era o primeiro da chamada trilogia de Paunvere (o nome da zona a que reportam, de onde era originário o escritor), que se completará com **Verão** e **Outono**. Paunvere terá estado também base de outras histórias mais curtas de Luts e de uma obra editada postumamente que corresponderia ao “Inverno”. Arvo Kruusement adaptaria ao cinema os três romances, o primeiro, correspondendo a este **Kevade**-filme em 1969, e os seguintes, respectivamente em 1976 e 1990. Muitos anos medeiam a sua produção, o que de algum modo se sentirá na evolução dos próprios actores, pois haverá vários que transitam de filme para filme, o que é um facto digno de nota.

Praticamente desconhecido entre nós, Arvo Kruusement revela em **Kevade** não só um grande talento na direcção de muito e muitos jovens actores, como um domínio dos meios do cinema, seja no modo como compõe os planos – a belíssima fotografia é de Harry Rehe –, seja no modo articula os mesmos em sequências de grande fôlego, impregnadas de um inegável tom nostálgico, derivado do mundo de infância que

representa, em vésperas da I Guerra Mundial. Trata-se de um retrato de uma Belle Époque rural, em que assistimos às lutas entre dois grupos rivais – ao “gangue” dos rapazes (e raparigas) de origem estónia opõe-se o gangue dos rapazes alemães, do colégio vizinho.

Kevade representa exemplarmente o quotidiano de uma pequena escola de província, na pequena localidade de Paunvere, desenhando o perfil de uma determinada juventude estónia de modo exemplar. A nostalgia que impregna este primeiro filme de Arvo Kruusement, não impede o realismo. Os conflitos entre os estudantes de ambas as escolas traduzem-se em verdadeiras batalhas campais, com desembarques de jangadas posteriormente afundadas, combates corpo a corpo, e queimaduras com ferro em brasa, sob o olhar simultaneamente brando e acutilante do realizador. Mas mais do que escolher representar este conflito sempre latente, Arvo Kruusement opta por se centrar nos amores e desamores dos rapazes e raparigas, nas pequenas peripécias e partidas na sala de aula, e nas alianças e relações de amizade que se estabelecem sobretudo entre os rapazes, nos dias inteiros que passam na escola. Arno Liiver (Arno) é o rapaz novo que chega com uma semana de atraso a tal escola e que acompanharemos ao longo de um filme que se desenrola ao longo de um ano lectivo, documentando a vida de Arno e dos seus companheiros, dentro e fora da sala de aula. Podemos olhar para Arno como o protagonista de uma história com muitos protagonistas: Teele, a rapariga por quem se apaixona à primeira vista, Toots e Tõnisson, os seus estouvados amigos, mas também Imelik, o jovem músico talentoso que vem perturbar a relação de Arno com Teele.

Ao longo dos dias sucedem-se as brigas, as contendas com o professor e o director da escola, as descobertas comuns, a ternura e a rivalidade entre rapazes e raparigas que, juntos, descobrem as contradições e as dificuldades da vida, a mentira e as consequências dos seus actos. Percebem como esses primeiros anos poderão ser os mais fáceis para aqueles a quem espera uma vida complicada, anos em que apanham as primeiras bebedeiras, experimentam os primeiros amores, mas também as primeiras grandes decepções. Kruusement retrata tudo isto de modo exemplar, não traíndo as suas personagens, nem revelando uma excessiva condescendência para com elas. Mas é em Arno que pensamos quando termina o filme. O rapaz que por pouco não sucumbiu na neve, depois de se ter atirado para um buraco no meio do gelo para salvar a sua amada, o mesmo rapaz que foi maltratado pouco tempo depois por Teele, quando apareceu Imelik. Arno sente o golpe, mas aprende depressa com a vida. Quando, no fim do ano, Teele o convida para ver a sua casa nova, este responde que vai para casa.

- O que há em casa?
- Os prados, as flores, os campos...

Em Paunvere havia o rio, o gelo, a grande árvore sob a qual os dois se encontraram ao longo dos dias.

Joana Ascensão